

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSE DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



FORÇA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.464
Domingo, 2 de Setembro de 1923
REPO—20 CENTAVOS
Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º e 3.º Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

A sociedade capitalista
não quiz morrer sem
nos deixar mais uma
guerra com todos os
seus horrorosos frutos

OS ELECTRICOS

A presente vereação, que tem formosos projectos
tem concebido e tantas promessas de vida delicio-
sa tem feito aos munícipes, vai ser posta à prova

SÃO tantos os assaltos que se preparam contra a magra al-
geira dos consumidores que nós, francamente, vimos que a
nossa pena por mais veloz, por mais rápida que sobre o
papel corra, fustigando este ou aquele patife, este ou aquele
magnate, não pode acompanhar, em ligeireza, a ligeireza com que
nos roubam.

Ainda a grande ferida aberta pelo aumento do preço do pão está
sangrando, já um novo crime, um hediondo atentado contra o des-
graçado consumidor, se prepara com afan.

A Companhia Carris, que a vereação transacta acarinhou e fa-
voreceu escandalosamente, quer mais dinheiro. Não há muito tempo
que o poderoso Sindicato de Santo Amaro extorquiu, por duas vezes
quasi seguidas, um aumento considerável no custo das tarifas, aba-
lando profundamente a economia doméstica da desgraçada popula-
ção de Lisboa, que tem aturado todos os roubos, todas as infâmias
com uma paciência digna dum S. Francisco de Assis.

A nova vereação que, ao entrar na Câmara Municipal, assom-
brou o lisboeta com projectos sedutores, intenções admiráveis que
nos deslumbraram e discursos primorosos de sensatez, e que afinal
ainda não realizou senão a troca das horas do despejo do lixo que,
se não nos incomodou também não nos beneficiou, encontra-se co-
locada numa melindrosa situação moral perante o caso do aumento
de tarifas ora solicitado pela ambiciosa Carris.

Esta vereação não esconde a sua indignação, aliás muito justa,
muito respeitável, pelos actos da vereação que a antecedeu, daquela
vereação que atingiu o cúmulo no escândalo e na subserviência ante
os poderosos e o máximo no desinteresse ante as queixas dos hu-
mildes. Esta vereação que projectou para o munícipe uma vida de-
liciosa não pode, por princípio algum, favorecer, como a outra ve-
reação favoreceu, uma companhia que toda a gente sabe ser riquí-
sima, embora para atestar a sua pobreza se sirva escandalosamente
de escritas vicciadas, como por aí constou.

A moral da presente vereação está posta à prova. Os munícipes
que abram os olhos e que se preparem—para uma nova desilusão.

Os empregados no comércio

Iniciam hoje no Porto o seu 8.º Congresso corporativo

«A Batalha» dirige aos congressistas as suas saudações

Em sucessivos artigos e entre-
vistas tem «A Batalha» posto em
destaques a importância que este
ano vai assumir o VIII Congresso
Nacional dos Empregados no Co-
mércio, já pelos assuntos transac-
tantes de que vai tratar, já pelo
número elevado de delegados
que agrupará.

A Batalha saúda os intemera-
dos lutadores do caixaerato que ho-
je se reúnem, fazendo ardentes
votos pelo desenvolvimento da
classe dos empregados no comércio.

Estamos convencidos de que des-
te congresso esta classe que, apar-
te uma minoria consciente e forte
tam arredada tem andado do ca-
minho que deve trilhar, se inte-
grará mais nos princípios sindi-
calistas, formando ao lado das
outras classes que tendem à sua
omnipotência.

A lista dos delegados que pu-
blicamos a seguir é duma grande
eloquência e demonstra que po-
demos ter confiança numa classe
que desporta para a luta.

Organismos e jornais que se
fazem representar no
8.º Congresso dos Em-
pregados no Comércio

Junta Executiva (Zona Sul) da F. P.
E. C. Fausto Gonçalves; Junta Execu-
tiva (Zona Norte) da F. P. E. C. João
Gonçalves Pereira; Firmão Cardoso;
José Silveira Bastos; Mário Gonçalves
Pereira e Adelino Ferreira Guimarães;
Conselho Geral (Zona Norte) da F. P.
E. C. José Lopes Pires Júnior, Torquato
Martins e Umberto Gonçalves; Con-
selho Geral (Zona Sul) da F. P. E. C.
Francisco Rodrigues Loureiro; Colégio
Resistência dos Caixeiros Portugueses
(Zona Sul); Eduardo Relvas.

Caixeiros de Lisboa, João Ferreira
Cabeleira; Caixeiros de Leiria, José
Lino Carlos Franco; Elvas, Rui For-
sado; Associação de Classe dos Caixeiros
Torres Novas, Augusto Machado; To-
mar, Bertelino Simões da Silva, Empre-
gados no Comércio de Santarém, José
Castelo Frago; Empregados no Co-
mércio de Castelo Branco, Manuel Ro-
drigues; Empregados no Comércio de
Setúbal, António Rebocho Pais, Vila
Real de Santo António, Manuel da Cruz
Vaz Marques.

Ateneu Comercial de Coimbra, Raúl
Adolfo Correia; Amarante, Américo
Taveira de Vasconcelos; Empregados
no Comércio da Régua, Joaquim Car-
valho e António Augusto da Silva;
De Chaves, João Teixeira Chaves e
João Gomes; Fafe, Frederico da Fon-
seca; Lamego, José Fiuza Magalhães e
David Fernando Sousa e Costa; União
dos Empregados no Comércio do Oeiras,
Manuel Dias da Costa Azevedo;
Lousada, Manuel Dias da Costa Azevedo;
Lousada, Manuel Dias da Costa Azevedo;
Lousada, Manuel Dias da Costa Azevedo;
Lousada, Manuel Dias da Costa Azevedo;

Ateneu Comercial de Coimbra, Raúl
Adolfo Correia; Amarante, Américo
Taveira de Vasconcelos; Empregados
no Comércio da Régua, Joaquim Car-
valho e António Augusto da Silva;
De Chaves, João Teixeira Chaves e
João Gomes; Fafe, Frederico da Fon-
seca; Lamego, José Fiuza Magalhães e
David Fernando Sousa e Costa; União
dos Empregados no Comércio do Oeiras,
Manuel Dias da Costa Azevedo;
Lousada, Manuel Dias da Costa Azevedo;
Lousada, Manuel Dias da Costa Azevedo;
Lousada, Manuel Dias da Costa Azevedo;

Que altos motivos Que fortes razões

levariam a

“Imprensa Nova” que atacou o
Polvo tentaculizado

a mudar o rumo à sua campanha?

Os vampiros
vampirinhos
e vampirões,

Os gajos
gajinhos
e gajões

devem a esta hora

estar contentíssimos!

Precisamente no momento

em que o povo

ROUBADO ESPANCADO TIRANISADO

mais necessitada de apoio contra os

Mochos-vampirões

DAS MOAGENS
DA FINANÇA
E DA LAVOURA

é que a «Imprensa Nova» numa atitude

SUSPEITA
DUVIDOSA
ESCANDALOSA

se encolheu!

Em vez de como devia, e como publicamente se comprometer, atacar

OS LADRÕES
OS MAGNATES
OS BANDOZEIROS

dedicou-se à tarefa

VIL
REPELENTE
CANALHA!

de bolsar

INSÍDIAS
CALÚNIAS
MENTIRAS

contra o proletariado!

O JORNAL

“INSUSPEITO”

“DESASSOMBRADO”

E “HONESTO”

calou-se

miseravelmente, impudicamente,
traíçoeiramente

perante a maior ofensiva do

Polvo, aliado ao governo!

NOTAS & COMENTÁRIOS

Coerência...

O pessoal de redacção, revisão e
administração do *Diário de Lisboa* so-
lenizaram, anteontem, num jantar de con-
fraternização, a sua obra de tração ao
movimento de protesto contra o au-
mento do preço do pão. Houve discursos
e elogio mútuo — porque todos du-
rante a greve trabalharam que nem uns
leões para furá-la. Quem se distinguiu
no afan fatigante foi o sr. Pedro Bor-
dalo Pinheiro, motivo porque teve ho-
menagem mais espalhafatosa. Devem
estar contentes os redactores do *Diário de Lisboa*, porque, certamente, em suas
casas, o pão deve ser mais barato do
que nos lares dos operários que lutam
pelo seu barateamento.

Paz! Paz!...

Os italianos iniciaram as suas opera-
ções contra a Grécia. Dessas operações
já resultaram quinze mortos e uma es-
cola arruinada. Talvez por isso, o ge-
neral que comanda as tropas italianas de
desembarque, acentuou numa proclama-
ção que a ocupação tem um caracte-
re «pacífico».

Cheque de cruzado...

Pessoas, certamente pouco entendi-
das em questões de finanças, escrevem-
nos perguntando o que vem a ser o
«cheque de cruzado». Respondemos gos-
tosamente: é a maneira dos banqueiros
que devem um dinheiro ao país e ao
Estado pagarem todas as suas dividas
— com um cheque de cruzado...

Um gesto simpático

Uma comissão de operários em Loanda
fez afixar um manifesto recordando
aos trabalhadores europeus a neces-
sidade de entre si, abrirem uma subscri-
ção a favor de *A Batalha*.

Nesse manifesto recordava-se a ar-
dente campanha feita por este jornal
em defesa dos contratados. A subscri-
ção realizou-se, tendo rendido a quan-
tia de 337\$10 que o nosso correspondente
em Loanda se apressou em en-
viar-nos.

O gesto, merece da nossa parte uma
sincera congratulação, pois revela que
os que se encontram nas plagas africanas
não se esquecem das dificuldades mo-
netárias em que nos debatemos para
levar a cabo a nossa missão.

Saudações

Na última reunião das comissões po-
líticas de Setúbal do Partido Republi-
cano Radical foi deliberado saírem as
classes trabalhadoras, reconhecendo o
papel que elas tiveram no advento do
regime e protestar energicamente con-
tra as prisões, movidas ao proletariado
por Antonio Maria da Silva.

As bebidas alcoólicas
diminuíu o seu consumo
na Alemanha

BERLIM, 1. — Pelas estatísticas publi-
cadas pelo Serviço de Estatística da
Alemanha vê-se que nos primeiros 6
meses houve uma grandíssima dimini-
ção em quasi todas as bebidas alcoó-
licas, sobretudo a expensas da França,
cujos vinhos e bebidas alcoólicas se en-
contram quasi completamente «boico-
tados».

devida à escassez de transportes em
caminho de ferro e a um pequeno au-
mento que, na origem, sofreu o carvão.

Desde há tempos que andamos preo-
cupados em averiguar as causas que
obrigam à falta de carvão em Lisboa,
e se possível fosse, conhecer pelos no-
mes os seus directos responsáveis; ta-
refa um pouco ingrata, a que nos impo-
zemos, mas que tendo algo haviamos
conseguido saber para informarmos
os nossos leitores e lhes apontar os la-
drões da sua paciência e bolsa.

Estava indicado que devíamos comen-
çar o nosso inquérito pelo Commissa-
riado dos Abastecimentos, organismo do
Estado a quem está confiada a mis-
são de providenciar (?) sobre todos os
assuntos de abastecimento do país. Não
seguramos, porém, este caminho por an-
tecedentemente sabermos não ser dos
melhores nem dos mais claros.

Procuramos um carroeiro, e sem mais
delongas perguntámos:
— Porque há escassez de carvão?
O carroeiro, sorrindo:
— É simples, muito simples. Os for-
necedores não mandam vir carvão em
quantidade suficiente, alegando que são
os caminhos de ferro que lhes não for-
necem vagões; mas nós percebemos-lo-
s. O que eles querem é mais dinheiro,
— conforme dizem ter-lhe prometido o sr.
Sá da Costa, há tempos. A nós também
ele prometeu um aumento de salário, por
reconhecer que a nossa classe é a única
que trabalha. A nossa comissão já o
procurou para esse fim e não foi mal
recebida.

OS GRANDES CRIMES

Mais uma guerra

Uma aventura criminoso e covarde

Os chauvinistas, na sua sede de sangue e de glória lançam
a Itália contra a Grécia indefeza

Mussolini é o espectro da guerra sus-
penso sobre um povo, bom, laborioso e
trabalhador, que anseia a paz. Oriundo
do «partido socialista» — o partido socia-
lista é há vinte anos o degraado obriga-
tório da escada que conduz ao poder —
foi dele expulso por ocasião da guerra
europeia por ter manifestado o desejo
dum imperialismo ávido e empreende-
dor. O ditador italiano, que usou o
processo do assassinato político para
esmagar o futuro — socialismo, sindical-
ismo e anarquismo — e encontrar vaga
no presente derrubamento dos partidos
políticos, conservadores e radicais, aca-
ba de lançar a Itália numa aventura
triste que é também uma aventura co-
varde.

A Itália, pela vontade omnipotente
de Mussolini, acaba de declarar guerra
à Grécia.

O pretexto invocado para a declara-
ção de guerra consiste no assassinato,
cometido em território grego duma de-
legação oficial italiana. Compunha-se
ela dum general, dum major e dum
— senão, estamos em erro — tenente. Os
seus assassinos? Aqui mete Mussolini
os pés pelas mãos, impingue aquelas pa-
lavras enfáticas e clássicas sobre as quais
se bordam frases dum destemperado e
imbecil patriotismo.

A verdade porém restringe muito a
visão que do acontecimento a memória
forneca. Cifra-se nisto: a Grécia é um
país alçado, estomado pela explora-
ção e por uma série prolongada de
guerras exaustantes e infelizes. Tem,
entre a sua população, um misto de
raças, de terras, e de ignorâncias, o que
sanado dá uma porção irregular de in-
divíduos conhecidos por actos de ban-
dolierismo. Um bando desses — bandos
que abundam na vizinha Albânia — ma-
tou os três italianos.

A Grécia oficial venceu, empobre-
cida, desmantelada, deu humilde-
mente desculpas. Mas, Mussolini que se quer
adornar com os troféus fáceis duma
vitória imperialista e guerreira, despre-
zou as desculpas que eram positivas, e
deliberou esta coisa estúpida — a guerra,
estúpida e covardíssima, pois que a
luta, entre a Grécia e a Itália é a re-
novação clássica do combate do grego
sempre forte e vencedor, com o rato
sempre fraco e vencido.

Tam fácil é a luta, que apenas com o
dispêndio espectacular duma dúzia de

passadas, que mataram alguns inocentes
e incendiaram uma escola, as tropas ita-
lianas desembarcaram na ilha de Samos
e ocuparam Corfú.

A imprensa italiana que tinha a difi-
cultar-lhe a respiração, a ameaça do
óleo de ricino, do assassinato, da sus-
pensão, acaba de ser definitivamente es-
trangulada. Mussolini ameaçou-a... ou
ela é servil como um polícia político,
ou é desfeita na fúria brutal dum de-
creto liberticida e vesânico. E' claro que
ela optará certamente pelo servilismo.

A mobilização começou. Duas classes
da reserva vão ingressar no exército
activo.

Se em vez da Grécia, franca e exangue,
fosse a França militarmente forte e
«poincarésada» Mussolini, bruto e co-
vardo, encolhia a farronca e as unhas, e
limitar-se-ia, a uma troca palavrosa de
notas. Mas é a Grécia, E, portanto, é a
guerra.

O povo italiano entra forçadamente
numa aventura criminoso e desumano. O
patriotismo, na sua bestial expressão
imperialista, começa a produzir efeitos:
o ódio ao grego, o esmagamento da
Grécia.

Contra esta «Mussolinada» contra a
guerra que se inicia, em nome dos ideais
de paz que a humanidade instituiu-
mente abraça, lavramos indignadamente
o nosso protesto.

Basta de crimes. E toda a guerra de
nação forte feita a nação fraca é um
duplo crime que faz, com perigo de vi-
das e de energias, um povo explorado,
esmagar e trucidar outro povo explo-
rado.

A ilha de Samos ocupada
pelas tropas italianas

ROMA, 1. — As tropas italianas de-
sembarcaram na ilha de Samos. De
fonte fidedigna consta que está iminen-
te o bloqueio de toda a costa grega
pela esquadra italiana.

Receiam-se as mais graves consequên-
cias entre a Itália e a Grécia em conse-
quência do massacre da missão italiana.

Corfú em poder de Mus-
solini — A mobilização

ROMA, 1. — As forças italianas de-
sembarcaram em Corfú, que ocuparam.
Duas classes da reserva do exército fo-
ram chamadas às fileiras. Todos estes
movimentos de forças se realizaram
imediatamente após a recepção da ne-
gativa formal da Grécia ao ultimatum
da Itália.

A falta do carvão

é devida à imprevidência do Commissariado dos Abastecimentos

Cada um diz de «sua justiça»

diante de si a prova: são essas verda-
deiras montanhas de carvão a jearem-
nos aqui a estação do Barreiro.

— Porque não retiramos os consignatá-
rios as suas remessas?

— É um facto a que também lhe não
posso responder, sabendo apenas que
lhe cobram a respectiva armazenagem,
compellido ao Commissariado dos Abas-
tecimentos, aproveitando as informa-
ções que lhe damos, adoptar as provi-
dências que julgue convenientes ao
abastecimento público.

— É tudo que lhe posso dizer sobre
carvão.

— Os caminhos de ferro — inquirimos
— tem contacto com alguma empresa
ou indivíduo, no sentido de lhes darem
preferência nos transportes?

— Não senhor. As preferências para
transportes, não são concedidas a nin-
guém, salvo se são pedidas pelo Com-
missariado dos Abastecimentos, mas só
para gêneros e produtos de primeira
necessidade, nos quais estão incluída
a lenha e o carvão.

Em seguida dirigimo-nos à C. P. on-
de nos informaram que o fornecimento
de carvão a capital se faz regularmente
pelas estações de Lisboa P., Braço de
Prata, Alcântara e Régua.

de interessante encontraríamos, que me-
receria ser registado.

Pelo braço do amigo lá subimos mais
dois lances de escada, no cimo da qual
se nos deparou um letreiro com estas
dizeres: *Casa da Economia*. Chegamos
—nos à porta e vimos que o rótulo en-
cobria uma barbearia, com vários arti-
fícios de perfumaria e *toilette*, chapéus
para damas, tabaco, garrafas e garra-
fas com vinhos de pasto, etc.

Não apreciámos nenhum dos artigos
expostos, nem percebemos a intenção de
tal economia.

Desemnos novamente e fomos condu-
zidos às várias secções, através de es-
treitos e complicados corredores, en-
contrando nos mesmos vários creanças,
com *aleache* de cotim, que nos dizem
serem pupilos do Instituto do Exército,
onde o Comissário é ou foi qualquer
coisa como tesoureiro e tem residência.

Numa sala comprida, a que chamam
2.ª Secção, encontramos um verdadeiro
viveiro de peizinhos, todos pupilos, que
debruçados sobre vários papéis traba-
lham ou fingem. Ao cimo da sala, es-
crevendo, um major do exército — é o
chefe — que parece boa pessoa.

O nosso amigo informa-nos do re-
gime de trabalho imposto às creanças
pelo Comissário, que é simplesmente
barbá e desumano: 9 horas consecuti-
vas de serviço, entrando às 10 horas e
saído às 19, para lhes pagar \$300 por
dia.

—Mas o Instituto não tem um conse-
lho tutelar e pedagógico, que saiba e
queira defender os interessados? — in-
quirimos. E que faz o ministro da Agri-
cultura, se tem conhecimento deste des-
respeito à lei de protecção aos men-
ores?

Um encolher de hombros e um sor-
riso enigmático, do nosso amigo, foi a
única resposta que obtivemos.

Era preciso pedir a entrevista ao sr.
Sá da Costa, que seria rápida, pois apor-
tas lhe faríamos a pergunta: «Porque
há escassez de carvão?» registando sem
argumentar, as causas que nos fossem
dadas.

Um continuo foi anunciar-nos ao sr.
Sá da Costa? Os funcionários que ti-
nhamos deixado em pequenos grupos
nos corredores, como que impulsiona-
dos pela mesma mola, encaminhavam-se
para junto do gabinete do Comissário,
comentando exaltadamente uma ordem
de serviço, que classificavam de *bôdo*
aos amigos, e esboçando várias amea-
ças, que nos pareciam justas.

O continuo informava-nos que o sr.
Comissário estava invisível e dava por si
um tal sr. Durão, de quem já tínhamos
informação de que não seria capaz de nos
ilucidar, embora se jate de conselheiro
e braço direito do Comissário.

—E' sobre carvão que deseja saber
coisas? — disse-nos o nosso amigo —
venha cá e deixe-se sr. Durão, que é
duro como um penedo.

Ali mesmo a um cantinho, nós nos
feitas estas afirmações, confirmadas por
empregados:

«Quando era Comissário o sr. Falcão
Trigo, e já quasi nas vésperas da sua
saída do Comissariado — fez um ano há
dias — foi incumbido um funcionário
deste Comissariado de adquirir no
Alentejo o carvão necessário para ga-
rantir o abastecimento de Lisboa por
menos seis meses, e ao mesmo tempo
um relatório indicando as medidas que
julgassem necessárias para evitar a subida
de preço deste combustível, com o qual
ameaçavam os negociantes e os car-
voeiros.

O referido funcionário adquiriu al-
guns vagões de carvão, bastantes me-
mo, mas foi pelo sr. Sá da Costa, man-
dato apresentar em Lisboa logo que
este senhor tomou posse, sendo-lhe or-
denado que terminasse com as compras.
As causas de tal ordem são ignora-
das, sabendo apenas que o carvão com-
prado ficou no Barreiro a doze centavos
(\$12) o quilo e que o comissário o
está vendendo a \$30.

Um bem elaborado relatório, que até
hoje não teve despacho, foi entregue
pelo aludido funcionário, de forma que
aos seus alvitres nunca foi dada execu-
ção.

As medidas que tem sido tomadas,
de há um ano a esta parte, são o só
quando os negociantes de carvão e car-
voeiros vêm ameaçar o comissário com
a sua falta; aumenta-se-lhe o preço e
está achado o X.

—Porque há escassez de carvão em Lis-
boa? — pergunta porque o comissário que
tem muita parra e pouca erva, nunca to-
mou medidas sérias sobre assuntos de
abastecimento por ser artigo que desco-
nhece não tendo nascido para estudos tan-
to complexos, como são os de carácter
económico. Acresce ainda o ter-se cer-
cado de meia dúzia de crentes que di-
ariamente o brujulam, fazendo-lhe ac-
reditar que é um *super-homem*, capaz de
coisas mais extraordinárias e inconcebí-
veis... O que eles necessitam é garan-
tir chorudas gratificações mensais, rou-
badas ao povo por intermédio dos Ar-
mazéns Reguladores.

—Mas então o Comissariado, nos gé-
neros que vende ao público, não limita
os seus lucros aos estabelecidos por lei?

—Não viu o preço do carvão, que é
vendido com um lucro de 250 por cen-
to, pois não é de lucros mais exagera-
dos. Mas se quiser saber coisas sobre
Armazéns Reguladores, volte por cá que
muito s'berá.

Prometemos voltar. Passava-se algu-
ma coisa de anormal. Os funcionários,
em grupos, protestavam contra uma de-
terminação do sr. Sá da Costa, classi-
ficando a de infame.

Retiramo-nos, convencidos que a fal-
ta de carvão resulta da imprevidência
do Comissariado dos Abastecimentos,
que está convertido, presentemente, numa
verdadeira casa comercial, tendo o
público que o pagar mais caro.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

Nuevos Camiños
Recebemos este grupo de 20 folhetos
para serem vendidos em favor de *A Ba-
talla* sendo um de Lelio O. Zeno «Pro-
blemas Universitários» e outro de José
Torralvo «La Revolución».

Pede-nos aquele grupo para avisar-
mos toda a imprensa operária e libe-
rtária que a sua sede é: O Gorman, 206
—Avellaneda (P. C. S.)— Argentina.

TEATRO APOLO

Ultimas representações
das
Pupilas do Sr. Reitor

DEPOIS DE AMANHÃ
1.ª recita com o drama
em 5 actos intitulado
A Lei dos Morgados

AS GREVES

Pessoal da Exploração do
Pôrto de Lisboa

Os delegados da Federação Marítima,
conjuntamente a comissão de melhora-
mentos da classe, encetaram já os seus
trabalhos conducentes a conseguir que
o Conselho de Administração defina a
situação do pessoal, para que, em face
das respostas obtidas, se resolva o cami-
nho a seguir.

Para tratar de assuntos que muito a
interessam, volta a reunir hoje a classe,
pelas 10 horas da manhã.

Marujos que recorrem à greve
consequem ver aumentada a
sua remuneração

Anteontem, a requisição do mesmo
Conselho foram trabalhar para o en-
tre-posto de Santa Apolónia 41 mari-
nheiros, a quem pagaram o vencimento
de \$900, o mesmo que percebia o pes-
soal em greve.

Ontem, porém, os marinheiros en-
tenderam que não deviam receber tam-
pouca remuneração pelo árduo traba-
lho que são obrigados a fazer e re-
clamaram que lhes fossem pagas 21\$00,
consequindo ver satisfeita a sua re-
clamação depois de terem feito a greve
de braços caídos durante duas horas e
meia.

São mais 12\$00 que ficam recebendo
diariamente, em relação ao salário do
pessoal que o Conselho de Administra-
ção lançou na greve por não atender
às reclamações que o constante enca-
rimento dos géneros essenciais à vida
em demasia justificava.

Deve causar engulhos, este gesto,
aos que, fiados na férrea disciplina mi-
litar procuram julgar os justos movi-
mentos operários recorrendo à gente
de farda.

Para nós, eles, como outros que dia
a dia se revelam, é um sintoma indi-
cível de que a ruídos queda do sis-
tema social que nos oprime não se fará
esperar muito...

Pescadores

Após 90 dias de luta terminou a
greve de pescadores na qual tomaram
parte os maquinistas fluviais, fogueiros
de mar e terra e pescadores. A greve
terminou com a vitória para os grevi-
stas com um aumento mensal de 110 es-
cudos nas soldadas. Já retomaram o
trabalho todas as tripulações, tendo de
sembarcado todos os *amarelos*.

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical 24 de
Agosto. — Realiza-se hoje, às 21 horas,
baile abrigado por um *terceio*.

Grupo Dramático «Os Comba-
tentes». — Continuação da feira franca,
concerto pelo Grupo Musical «O Lago
Fraternal», seguido de baile até de ma-
druçada.

Sociedade dos Calceiteiros. —
Hoje há baile dedicado aos sócios e
suas famílias, abrigado por um
troupe de bandolinistas.

Club Recreativo «Os Choras». —
Iniciam-se hoje as festas comemora-
tivas da sua fundação, com o seguinte
programa:

As 6 horas — Alvorada anunciada por
uma salva de 21 morteiros. As 12 ho-
ras — Distribuição de um bôdo de 25\$0
a 20 pobres; As 14.30 horas, sessão
solene dedicada às nossas congéneres,
em que usará da palavra representantes
de várias colectividades e directores
e sócios do Club; As 15.30 horas — Ma-
tinêe abrigada por um quarteto e
abertura da quermesse; As 21 horas —
Soirée à francesa abrigada por um
quarteto.

Os que morrem

FUNERAIS

Do Hospital de S. José, efectua-se
hoje, ao meio-dia, o funeral de Joaquim
dos Santos, que residia na rua Domíngos
Tendeiro, 1, uma das vítimas do des-
astre que, como noticiámos, se deu há
dias em Caselas.

—Realiza-se hoje, às 14 horas, da sua
residência, rua Ferreira Borges, 129, 4.º,
D., para o cemitério de Benfica, o fune-
ral de Maria Gertrudes Marques, es-
posa de António de Sousa Marques e
mãe de Artur de Sousa Marques Pinto.

As proezas da polícia

Ontem, pelas 22 horas, encontrava-se
discutindo com um patricio, na taberna
da rua Direita de Alcântara, n.º 45, o
caboverdeiro Manuel Didot, cosinheiro
do vapor «Africano», quando o polícia
de giro o intimou a sair e, como lhe
objectasse que precisava pagar a despe-
sa que fizera, de comida, lhe deu voz
de prisão.

Nesta ocasião o preso deu por falta
de carteira e negou-se, justificadamente,
a acompanhar o polícia sem primeiro
verificar se ela, que continha uma quan-
tia importante, ficara na taberna.

Tanto bastou para que fosse brutal-
mente agredido pelo captor, que foi
conduzido na revoltante tábua por dois
guardas republicanos que estavam
de serviço no estajo de Alcântara.

Depois conduziram-no para a esqua-
dra do bairro, donde foi removido
oculto depois para o governo civil.

As proezas da polícia

Ontem, pelas 22 horas, encontrava-se
discutindo com um patricio, na taberna
da rua Direita de Alcântara, n.º 45, o
caboverdeiro Manuel Didot, cosinheiro
do vapor «Africano», quando o polícia
de giro o intimou a sair e, como lhe
objectasse que precisava pagar a despe-
sa que fizera, de comida, lhe deu voz
de prisão.

Nesta ocasião o preso deu por falta
de carteira e negou-se, justificadamente,
a acompanhar o polícia sem primeiro
verificar se ela, que continha uma quan-
tia importante, ficara na taberna.

Tanto bastou para que fosse brutal-
mente agredido pelo captor, que foi
conduzido na revoltante tábua por dois
guardas republicanos que estavam
de serviço no estajo de Alcântara.

Depois conduziram-no para a esqua-
dra do bairro, donde foi removido
oculto depois para o governo civil.

As proezas da polícia

Ontem, pelas 22 horas, encontrava-se
discutindo com um patricio, na taberna
da rua Direita de Alcântara, n.º 45, o
caboverdeiro Manuel Didot, cosinheiro
do vapor «Africano», quando o polícia
de giro o intimou a sair e, como lhe
objectasse que precisava pagar a despe-
sa que fizera, de comida, lhe deu voz
de prisão.

Nesta ocasião o preso deu por falta
de carteira e negou-se, justificadamente,
a acompanhar o polícia sem primeiro
verificar se ela, que continha uma quan-
tia importante, ficara na taberna.

Tanto bastou para que fosse brutal-
mente agredido pelo captor, que foi
conduzido na revoltante tábua por dois
guardas republicanos que estavam
de serviço no estajo de Alcântara.

HOJE, 2.º Teatro Nacional A's 21 h 12

A comédia-farça

O Cabeça de Turco

Enredo originalíssimo
Situações imprevistas
Explêndido conjunto
Éxito absoluto
Mise-en-scene deliciosa
Uma noite admirável

O CONGRESSO DOS OPERÁRIOS TANOEIROS

Nas suas últimas sessões foram aprovadas várias
teses e protestou-se contra as prisões arbitrárias

4.ª sessão

Reabre às 14.30, Preside Júlio Arran-
ha, secretário-geral do Sindicato. José
Gabriel de Almeida preconiza
que sejam admitidos como aprendizes
os filhos de operários tanoeiros.

Tavares Adão, como relator, aclara
algumas passagens da tese.

Artur José Evaristo propõe que se
sindicalizem todos os aprendizes afim
de estreitar a solidariedade entre eles e
os operários.

Depois de usar da palavra Faustino
Ferreira todos os congressistas se de-
clararam de acordo com a tese.

Quando se lá a proceder à sua votação
a sala é invadida pela polícia que arbi-
trariamente ordena o encerramento da
sessão. Depois de ser consultado o
Congresso é nomeada uma comissão
composta por Tavares Adão, Tomás de
Oliveira e Artur José Evaristo para se
ir avistar com o governador civil.

E' exarado na acta um voto de pro-
testo pela detenção de Santos Arranha
quando assistia ao congresso.

Pouco depois a comissão regressa e
declara que foi autorizado o prosseguir
da reunião.

Reaberta a sessão passa-se à votação
da tese que é aprovada por unanimi-
dade. Discente-se a seguir a tese que se
refere a relações nacionais e interna-
cionais.

Falou Júlio Arranha, Tomás de Oli-
veira, Adão, F. Ferreira, J. Martins
sendo depois aprovada a tese por uni-
midade.

Passa-se à nomeação da comissão
administrativa da Federação que fica
composta por Tavares Adão, secretário-
geral, José Martins, Fausto Teixeira,
João António Marques, Manuel da
Costa.

E' aprovado que o jornal corporativo
se sub-intitule órgão da Federação Na-
cional dos Operários do Ramo de Ta-
noaria e Anexos.

Tomás Oliveira diz existir certa riva-
lidade entre camaradas do Sul e do
Norte. Adão dá explicações que satisfa-
zem delegados do norte.

E' deliberado que o futuro congresso
se efectue em Esmoriz.

Tomás Oliveira refere-se ao vasilha-
me estrangeiro que tem prejudicado os
tanoeiros. David Selas entende que se
devia combater a sua entrada no país.
Resolve-se que o assunto baixe ao
conselho federal.

E' aprovada uma saudação aos pre-
sos por questões sociais, C. G. T. e
A Batalha.

Mais resolve o congresso que seja
exarado na acta um voto de louvor à
directão da Associação dos Caixeiros
de Lisboa pela cedência das suas salas.

E' lida uma nova saudação dos ta-
noeiros de Lisboa e um protesto contra
as prisões arbitrárias de Fausto Teixei-
ra, Santos Arranha e de todos os res-
tantes camaradas vítimas da tirania go-
vernamental.

Não havendo mais assuntos a tratar,
foi encerrada a sessão pelas 14 horas,
entre vivas à Organização Operária.

5.ª sessão

Preside José da Silva, secretário-
rio por Acácio Inácio Costa e Manuel Car-
doso. E' lido um telegrama de sauda-
ção dos tanoeiros de Vila Nova de Gaia.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Secção de União

Reúne amanhã, às 21 horas, para
continuação dos trabalhos pendentes.

CONVOCAÇÕES

Federação Corticeira. — Reúne
hoje, às 12 horas, o Conselho Federal.
S. U. Mobilário. — Por falta de
número, não reúne anteontem a as-
sembleia geral deste organismo, ficando
adiada para a próxima 3.ª feira.

Sindicato Unico Metalúrgico de
Lisboa. — Para tratar de um assunto
de alta importância reúne amanhã, às
20 horas, a Comissão Administrativa,
devendo comparecer todos os camara-
das que dela fazem parte.

Comissão Mista de Propaganda
Sindical do Alto do Pina. — Reúne
hoje, extraordinariamente, pelas 15 ho-
ras, para apreciar um assunto da mais
alta importância e de interesse para o
proletariado do Alto do Pina.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Secção da
Construção Civil. — São convidados to-
dos os sócios a reunir amanhã, em
assembleia geral, para assuntos urgentes.

FADO E' o grande sucesso da
Companhia António Macedo
que trabalha no

Teatro Maria Vitória

Todas as noites em duas sessões

Classes que reclamam

Os ferroviários da C. P. na sua reunião magna
de sexta-feira, resolvem ir, em massa, ao Con-
selho de Administração, protestar enérgicamente
contra as perseguições feitas à classe e reclamar
— a imediata satisfação das suas reclamações —

De novo se agita a classe ferroviária
da Companhia Portuguesa, pela forma
verdadeiramente opressora em que esta
empresa a vem tratando, com violentos
castigos aplicados por simples prazeres
da alguns dos seus dirigentes e porque as
suas reclamações de ordem moral e
económica já há bastante tempo entre-
gues, ainda não foram atendidas.

No Teatro Gil Vicente (à Graça),
repleto de ferroviários de todos os ser-
viços, fazendo recordar-nos as grandes
e agitadas reuniões efectuadas há anos
por esta classe no mesmo recinto, foi,
pelas 21 horas, aberta a sessão à que
presidiu José Júlio Ferreira, secretário-
rio por Raúl Soares Peres e Francisco Lo-
pes, delegados respectivamente da de-
legação de Ovar e T. das Vargens. En-
contravam-se representados também as
restantes delegações tendo comparecido
muito pessoal das estações e districtos
próximos de Lisboa.

O presidente referiu-se à miserável
situação económica dos ferroviários e ao
desprezo a que foram votadas as suas
reclamações. Faz considerações acerca
da precária vida da classe, incita os
ferroviários a fortalecer o Sindicato e
afirma que é preciso agir enérgicamente
para que, aquela seja modificada o mais
rapidamente possível.

Em seguida lê-se o numeroso expe-
diente enviado de muitos pontos da li-
nha, como seja Alfairos, Caldas, L. P.
Sintia, Campolide, B. Prata, Setil, C.
Penoso, Abrantes, Covilhã, Entronca-
mento, Elvas, T. Vedras, Valado etc.,
dando todo o apoio às resoluções da
assembleia e afirmando estarem dispo-
stos a lutar para que justiça lhes seja
feita.

A situação económica da classe

Fala depois Manuel Henrique Rijo,
secretário-geral do Sindicato que afir-
ma não poder a classe suportar mais
tempo a sufocante situação que atra-
vesa. Tem sido devido exactamente à
sua falta de acção que a mesma já não
é respeitada pelo público nem pela
Companhia e governo. Só com a com-
pleta união da classe se constatará a
necessária atenção para com a mesma
por parte destas entidades.

A última remodelação de tarifas deu
à Companhia uma receita de 26 a 30
mil contos, tendo ela somente distribuí-
do pelo pessoal 7 mil. Daquela impor-
tância, portanto, pertence uma parte do
mesmo, parte que reclamamos neste
momento.

A agravar uma situação destas ainda
a Companhia exerce sobre o pessoal
continuas vinganças.

Indispensável, diz o orador, uma
demonstração de forças onde os ferro-
viários demonstrem ao país que a sua
situação é miserável, terminando por
afirmar que vale mais morrer lutando
do que viver agonizando.

Um alvitre aceite entusiasticamente pela assembleia

Segue-se no uso da palavra Francisco
Moraes, membro da comissão de mel-
horamentos, lida a assembleia do
permanente trabalho da comissão, di-
zendo que a Companhia ainda se não
dignou responder às reclamações da
classe.

Diz que enquanto o pessoal passa
mal, se estão distribuindo em envelo-
pes fechados, quantias aos engenheiros
e demais empregados superiores da
Companhia. Esta está na disposição de
proteger as reclamações para que o
pessoal desanime e ela possa desta for-
ma dispor à sua vontade. O pessoal,
porém é que não pode esperar mais
tempo e tem de resolver neste assem-
bleia o que deve fazer.

A receita actual da Companhia ora
por 120 mil contos; dependendo ela
para materiais, combustível, obras e
pessoal uns 80 mil, ainda fica com 40
mil.

Atendendo a que as tarifas vão nova-
mente ser elevadas, pelo muito bem a
Companhia pagar devidamente aquele.
Entende por isso que o pessoal, no
seu maior número deverá ir junto do
conselho de administração reclamar a
concessão das reclamações. (A assem-
bleia manifesta-se ruidosamente apro-
vando o alvitre). O orador refere-se
depois aos vencimentos dos ferroviários
dizendo ser a sua receita 9\$00 diários,
que nesta época nada representa.

Mário Castelbano começa por lem-
brar o facto daquela reunião magna se
estiver efectuando numa casa de belas
tradições para os ferroviários, evocando
a memória dos que, na mesma, sempre
souberam honrar a classe defendendo-a
constantemente das arbitrariedades da
Companhia. Esses morreram misera-
veis, mas foram sempre honestos e di-
gnos.

Da mesma forma lembra os que pe-
los mesmos motivos foram demitidos
da classe e que hoje se encontram nos
nossos mistérios, protestando porém, con-
tra os que se apropriaram da confiança
da mesma para se portarem menos
dignamente.

Conquanto esta reunião seja efec-
tuada para se tratar principalmente da
situação económica da classe, ele ora-
dor entende que a vinda ali dos ferro-
viários deve traduzir uma questão de
desagravo à sua dignidade.

Perante o procedimento da Compa-
nhia para com a classe, já se não trata
aqui dum caso de se não querer aten-
der a mesma, mas sim em quer que-
r um desprezo absoluto pela sua si-
tuação e trabalho. Os ferroviários por-
tanto tem de exigir o que de justiça
lhes pertence para sobretudo salvarem
a sua dignidade. Diz que a situação
económica

que o resultado da sua deplorável situa-
ção moral, que não poderá consentir-se
se prolongue por mais tempo. Cita vá-
rias vinganças e perseguições da Com-
panhia, tendo o pessoal tido para com
a mesma ainda um gesto de verda-
deira revolta com que evitasse tais casos.
Sobre o horário de trabalho também
esclarece a assembleia do que se tem
feito para o sofismarem, aconselhando
a classe a continuar procedendo como
até agora, não permitindo tal.

Diz que não é o ministro do Comé-
rio que pode arrancar da Companhia
as reclamações da classe, mas somente
os ferroviários. A Companhia pode sa-
tisfazer-las; é uma questão dos ferroviá-
rios a obrigarem a isso. Espira-se em
considerações acerca da organização do
pessoal e chama a atenção da classe
para o facto deste momento ser o me-
lhor para a mesma conseguir o que re-
clama. Está de acordo com a ida ao
Conselho, mas somente se a classe ga-
rantir a sua comparência num número
elevado de camaradas e termina por
afirmar que é necessário agir, para evi-
tar que sejam atirados para o abismo
da miséria como a Companhia tem pre-
tendido.

António João Regueira refere-se à
elevação do preço do pão e ao conluio
de todos os potentados, que querem ver
esmagada a classe trabalhadora.

Aborda a questão de Gaia e T. das
Vargens e as demissões ultimamente
feitas nas oficinas gerais, apelando para
a união da classe para que não consti-
ta em tanta desconsideração e se erga
reclamando justiça.

**A classe resolve ir ao Con-
selho de Administração**

Novamente usa da palavra Francisco
Moraes que apresenta uma moção, com
as seguintes conclusões:

«Patear duma forma eloquente e
significativa a sua indignação pelo des-
leal e desumano procedimento da Com-
panhia, responsabilizando-a por tudo
quanto possa vir a suceder e não admi-
tindo jamais que se desprestige a clas-
se; não desistir das reclamações apre-
sentadas, antes elevar a fixação da
subvenção de 500 para 600 escudos; re-
clamar a solução rápida do assunto,
não transmitir as reclamações, uma vez
que as receitas da Companhia não são
afectadas; que o pagamento das recla-
mações se faça desde Fevereiro último;
acom

Os crimes da burguesia

Constituiu uma imponente manifestação de sentimento e protesto o funeral do mineiro que, em S. Pedro da Cova, foi cobardemente assassinado.

PORTO, 30. — O enterro do operário mineiro António Soares, canalha e covardemente assassinado pelo regedor de Fânzeres, revestiu a maior importância possível. Nessa derradeira homenagem prestada à vítima da reacção capitalista clerical de S. Pedro da Cova, a qual foi um dos maiores entusiastas da Associação dos mineiros, fizeram-se representar quasi todas as colectividades sindicais do Porto, cujas bandeiras flutuaram aos ventos daqueles lugares em estado de sítio.

[Foi um assombro! Jamais ali assistiram a um cortejo fúnebre de tamanha grandiosidade, já pela enorme encorpoação do operário, já pelo respeito significativo que o tarjou.

O abade, esse roupeiro sinistro que é cômico moral do miserável assassinado em nome de Cristo e das empresas mineiras, rememorou os belos raios de luz, quando o enterro não revestisse um acto eloquente de propaganda contra a farça católica-monárquica da canalhada religiosa, rabiosamente junto da família do extinto para conseguir que o préstito da vítima levasse as palhaçadas fanáticos do Santo Officio local.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

Mas os seus esforços foram baldados, apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia; apesar de se o enterro não realizasse religiosamente, perante a igreja já járais se vivia.

A INSTRUÇÃO DOS TRABALHADORES

UM ALVITRE IMPORTANTE

Como se poderia criar em Almada uma escola moderna para os filhos dos operários

Apesar de reconhecer os limitadíssimos recursos de instrução de que dispõem os operários, não resisto ao desejo de mais uma vez chamar a atenção da classe operária do concelho em geral e em especial dos militantes, para estas despretensiosas linhas que tem o propósito de contribuir para a causa da instrução abandonada neste país.

Tem a organização operária das provas de quanto lhe interessa o transcendental problema da instrução pública por ser esse um dos grandes factores do progresso dos ideais libertadores. Tanto assim que não é raro o sindicato que não mantém uma escola, havendo também muitos que possuem bibliotecas para a cultura intelectual dos seus associados.

A classe operária local que sempre tem acompanhado de perto o movimento económico não pode alhear-se da exterminação do analfabetismo, um dos maiores flagelos do século xx e que se torna necessário extinguir para que a humanidade seja feliz.

Almada que diga-se de passagem — pois não somos insensíveis a qualquer manifestação de vitalidade simplesmente lamentamos que não beneficiemos das auscultações em prejuízo da comunidade — tem ultimamente registado alguns progressos sob o ponto de vista industrial, comercial e agrícola pelo que hoje comporta uma população superior a 35.000 habitantes, na sua quasi totalidade, trabalhadores.

Em contraste com os progressos acima observados constata-se a deficiência cada dia mais acentuada dos meios de instrução para satisfazer as necessidades mais urgentes duma tão numerosa população infantil.

Não é só limitadíssimo o número de escolas, como existe de parte dos pais uma justicável animadversão pelo ensino oficial pela falta de carinho com que é ministrado.

Pelas razões já expostas e outras que não é necessário se torna inumar ver-se-á que são os nossos filhos que, diariamente, vão engrossar a legião dos analfabetos pelo que urge opor-lhes uma barreira e essa só pode ser constituída por uma escola em que a educação não seja um mito e onde nossos filhos possam receber os frutos duma instrução sã, livre de preconceitos.

Do Estado nada há a esperar pelo seu interesse em manter no obscurantismo a massa produtora.

Para que Almada possa obter uma bela escola se não com todos os requisitos da moderna pedagogia pelo menos, muitíssimo superior ao que por cá existe, basta interessar neste belo empreendimento as colectividades locais, sindicatos, cooperativas e sociedades de recreio posto que estes organismos na sua maioria são constituídos por trabalhadores.

Seria sem dúvida preferível que a escola fosse criada e mantida pela organização operária, mas os encargos duma boa escola são muito onerosos e os sindicatos já hoje muito com dificuldades financeiras que os impossibilitam de cumprir integralmente a sua vasta missão.

Como o nosso objectivo consiste em criar uma escola de onde irradiar o facto luminoso da instrução e do progresso, sem contudo comprometer o carácter independente do sindicato, julgamos que a melhor solução é a de termos publicado em *A Batalha*, o qual consiste no seguinte:

1.º Por iniciativa da U. S. O. com a coadijuvação das cooperativas e Sociedades de recreio seria constituída em Almada uma escola destinada à educação das crianças de ambos os sexos.

2.º Esta escola seria mantida e auxiliada pelos organismos acima indicados, não podendo fazer parte qualquer colectividade, com carácter político ou religioso.

3.º Os sindicatos contribuíam com \$20. Cooperativas, \$15. Sociedades, \$10. por associado e por mês.

4.º Abria-se uma inscrição para sócios individuais com a cotisa mínima de \$50 mensais.

5.º A escola seria alheia a questões políticas e religiosas, procurando na medida do possível desenvolver todos os ramos de instrução sobre os princípios da moderna pedagogia para que seria convidada a colaborar a Universidade Popular.

6.º Para dar execução a este alvitre nomear-se-ia uma comissão pró-instrução, com representação de todos os organismos inscritos. Para que as colectividades pudessem corresponder a estes encargos seria criada uma cota especial.

7.º O Estado nada há a esperar pelo seu interesse em manter no obscurantismo a massa produtora.

Para que Almada possa obter uma bela escola se não com todos os requisitos da moderna pedagogia pelo menos, muitíssimo superior ao que por cá existe, basta interessar neste belo empreendimento as colectividades locais, sindicatos, cooperativas e sociedades de recreio posto que estes organismos na sua maioria são constituídos por trabalhadores.

Seria sem dúvida preferível que a escola fosse criada e mantida pela organização operária, mas os encargos duma boa escola são muito onerosos e os sindicatos já hoje muito com dificuldades financeiras que os impossibilitam de cumprir integralmente a sua vasta missão.

Como o nosso objectivo consiste em criar uma escola de onde irradiar o facto luminoso da instrução e do progresso, sem contudo comprometer o carácter independente do sindicato, julgamos que a melhor solução é a de termos publicado em *A Batalha*, o qual consiste no seguinte:

1.º Por iniciativa da U. S. O. com a coadijuvação das cooperativas e Sociedades de recreio seria constituída em Almada uma escola destinada à educação das crianças de ambos os sexos.

2.º Esta escola seria mantida e auxiliada pelos organismos acima indicados, não podendo fazer parte qualquer colectividade, com carácter político ou religioso.

3.º Os sindicatos contribuíam com \$20. Cooperativas, \$15. Sociedades, \$10. por associado e por mês.

4.º Abria-se uma inscrição para sócios individuais com a cotisa mínima de \$50 mensais.

5.º A escola seria alheia a questões políticas e religiosas, procurando na medida do possível desenvolver todos os ramos de instrução sobre os princípios da moderna pedagogia para que seria convidada a colaborar a Universidade Popular.

6.º Para dar execução a este alvitre nomear-se-ia uma comissão pró-instrução, com representação de todos os organismos inscritos. Para que as colectividades pudessem corresponder a estes encargos seria criada uma cota especial.

7.º O Estado nada há a esperar pelo seu interesse em manter no obscurantismo a massa produtora.

Para que Almada possa obter uma bela escola se não com todos os requisitos da moderna pedagogia pelo menos, muitíssimo superior ao que por cá existe, basta interessar neste belo empreendimento as colectividades locais, sindicatos, cooperativas e sociedades de recreio posto que estes organismos na sua maioria são constituídos por trabalhadores.

Seria sem dúvida preferível que a escola fosse criada e mantida pela organização operária, mas os encargos duma boa escola são muito onerosos e os sindicatos já hoje muito com dificuldades financeiras que os impossibilitam de cumprir integralmente a sua vasta missão.

Ecos do último movimento

Operários metalúrgicos

Em face do aumento do preço do pão e dos restantes géneros essenciais à vida, vão apelar ao aumento do salário

Resultante da desmedida ganância do polvo da Moagem e resistentes magnetos do Comércio, que com os seus processos ladravazes vieram agravar a situação económica dos assalariados, que actualmente lutam com as maiores dificuldades para enfrentar a cada vez mais crescente carestia da vida, a classe metalúrgica deliberou movimentar-se no sentido de alcançar do respectivo patronato um aumento de salário que possa corresponder à satisfação das necessidades presentes.

Da reunião da Comissão de Melhoramentos do Sindicato a quem o assunto foi entregue por proposta votada na última reunião magna da classe, resultou a convocação de uma reunião de delegados das fábricas e oficinas metalúrgicas, para depois de amanhã, às 20 horas, a fim de se deliberar sobre a forma de reclamação.

Constando à Comissão de Melhoramentos que se propala o boato de greve geral da classe por motivo das reclamações a fazer, a mesma Comissão declara que ainda não lhe passou pela cabeça tal movimento e espera que o patronato, quando o respectivo pessoal se lhe dirija, compreenda a situação dos reclamantes e lhes faça justiça.

Em Almada

Mais uma vez os trabalhadores deste concelho afirmaram o seu espírito revolucionário

ALMADA, 1. — Desde tempos imemoriais, esta localidade sempre tem sabido corresponder às necessidades da organização. Os trabalhadores deste concelho, tem um passado glorioso, pleno de sacrifícios, que honram a história do movimento proletário.

Embora lutando com uma grande carestia de militantes, eles sabem sentir as dores dos seus irmãos explorados, sabem com nítida consciência exteriorizar a sua revolta perante todas as injustiças, partam elas donde partirem, nunca negando a sua solidariedade, tanto moral como material, a todos os oprimidos.

O último movimento é mais uma prova irrecusável de que acima afirmamos. O que foi o movimento em Almada de 10-homos em poucas linhas. Ao ser aqui conhecida a declaração da greve geral em Lisboa, logo a classe metalúrgica e os descarregadores de Mar e Terra, abandonam o trabalho, seguindo-se-lhes os taneiros.

De tarde reúne a U. S. O., em conjunto com alguns militantes, e pronuncia-se pela adesão e apoio à sua congénere de Lisboa, pelo que resolve declarar a greve geral no concelho a partir do dia seguinte, sábado.

Nomeadas as respectivas comissões de vigilância e resistência, a greve intensifica-se logo, pelo que paralisaram, além das já mencionadas, as classes de carpinteiros, de manipuladores de fariolas, de manipuladores de calçado e construção civil.

Não era isto o suficiente para satisfazer o espírito de solidariedade das classes organizadas, e, assim, as comissões, intensificando a sua acção, conseguem a espontânea adesão ao movimento, do pessoal de Banática, Palença, Arrábida e dos armazéns de vinho.

Na segunda-feira seguinte conseguem em todas as fábricas do Porto Brando, bem como no estaleiro, paralisarem a laboração exteriorizando todos os operários a sua completa concordância com o movimento.

Proseguindo na sua missão, sempre com o mesmo espírito de sacrifício, pois andaram léguas e léguas a pé, debaixo dum sol abrasador, as comissões conseguem ainda que todos os operários, organizados ou não, empregados em obras ou outro qualquer ramo de actividade, abandonem o melhor grão do trabalho e venham assim engrossar o número de quem reclamavam o pão a um preço compatível com as suas magras bólas.

Após dois dias de luta, a paralisação no concelho de Almada era verdadeiramente completa.

Tinha a U. S. O. a declarar a greve, elaborado uma moção para ser levada à sanção popular, e para isso ficou assente que no outro dia — o primeiro de greve geral — se convidasse o povo a reunir para esse fim no largo da Cadeia, às 10 horas, devendo depois um comitê delegado deste organismo ir entregar esse documento ao administrador do concelho.

A União faz o convite, e o povo acorre em massa ao referido largo, mas, quando o camarada José Alais se apresenta, o seu comprido nariz cartilaginoso, e teve vontade de lhe perguntar: — Será possível que guardasses teu próprio sobrinho, como me tens guardado a mim?

Mas com medo de ofender o velho, não fez a pergunta e disse unicamente: — Há tanto tempo já?

— Espera um pouco, vou buscar uma cadeira — murmurou o guarda piscando os olhos; — custa-me estar assim curvado, deem-me as costas.

Partiu. Michá ficou em pé diante da porta, escutando-lhe os passos arrastados; e pensava: — Se em verdade o homem tem alma, a este carcereiro deve ser tão negrão, tem encurralhada e ressequida como o seu rosto.

O velho voltou, pôz sem ruído uma cadeira diante da porta, e de novo apressou ao postigo o seu olho encimado por uma sobranceira muito erguida, felpuda e branca.

— Assim estou melhor — disse ele. — Não posso dormir... deem-me os ossos. E como tu também não dormes, conversaremos... De dia, é proibido... mas à noite, quem o há de saber? Dá-lhe, finjo que sou severo contigo; não posso proceder de outra forma são os chefes que o exigem. Mas à noite, podes-te deitar... E depois, que crime cometeste tu? Não roubaste nem mataste... não é assim? Tens boas cores, és novo... tenho do de ti... E não deixas de te rir, como se tivesses melhor situação... Ah! Mocidade,

mocidade! Fazias melhor se te submetesses à ordem.

A preleção ia-se tornando desagradável para Michá; inclinou-se nervosamente para a porta e perguntou ao velho: — Que fazia tu sobrinho?

— Outra vez a voz seca e incolor penetrou pelo postigo: — Era serralleiro... Deu um tiro no maquinista... Até os jornais falaram dele... Ele verdade! Ele próprio me deu um jornal. E realmente, ele falou do meu sobrinho... Ele falou também e pôz-se a rir... era tal qual como tu. Era um rapaz loiro... Sua mãe, minha irmã, chorava e arrepiava-se... Contado, o sangue não se lava com lágrimas... Eu dizia-lhe a ele muitas vezes: — Então, como te dás na prisão? — Ele não fazia senão rir-se... Ao princípio ficava calado, taciturno. Depois punha-se a falar, a falar pelos cotovelos... Tu fazes o mesmo, não te cansas de falar!

— E que te dizia ele? — inquiria Michá com brandura.

— Muitas coisas... nem eu sei!... Serás tu, por acaso, de Kalouga?

— Sou... —

— Ah! Ai está porque me é familiar o teu nome... O encarregado do correio, em Kalouga, chamava-se Malinine... —

— Era meu pai... —

— Eu também sou de Kalouga... Tu pai morreu?

— Morreu... —

— Todos nós morremos... Falavam ambos em voz baixa, e as

TEATROS

A peça de Ramada Curto «A FERA»

Símbolos ontem do Politeama, perfeitamente convencidos de que o sr. Ramada Curto tem mais jeito para fazer peças de teatro do que para gerir pastas ministeriais.

Antes assim, porque além da sua função de actividade ser mais útil, poupança o trabalho de apreciarmos deslavadamente a sua acção no chamado "poder executivo" onde com toda a ideologia do seu colectivismo demodé, nada fará, por muito que os seus aulicos o incensem.

Ramada Curto, que não é afinal um estrangeiro no teatro, mostra na obra que acaba de dar-nos, o intuito simpático de se corrigir em deficiências e anomalias que as suas primeiras produções acasam.

Um defeito porém o dramaturgo mantém e do qual, não parece não se emendará: é a ausência de colorido literário nos seus diálogos, em geral secos de forma e pobres de modelação.

Uma boa qualidade o comediógrafo patenteia: o conhecimento, tanto quanto possível perfeito, da scena, o que lhe permite pôr os personagens num convívio natural, sem os obrigas a forçadas teatralizações de enfiamento ou de ficção, recursos de que muitos autores se servem, para compôr o que a sua minguia de técnica prejudica.

«A fera» tem dinâmica, lógica dialogal e uma certa espontaneidade. A sucessão das cenas é bem preparada e a sua ligação é natural.

O primeiro acto, que está longe de ser uma obra prima, é o melhor da peça, porque as figuras giram a tempo e não dão tempo ao espectador a aborrecer-se.

No entanto, o seu principal mérito consiste na enunciação característica dos personagens, recordando como indispensável a peça, os seus temperamentos. É um verdadeiro acto de apresentação.

Parce-nos contudo que o autor foi demasiado minucioso no desenho, porque desvendou para o nosso espírito a identificação fatal do enredo que decorre precisamente como nós augurámos desde o princípio.

Na peça não há uma tese, há uma lara. O fidalgo alcoólico com lumaças de valentia e arrogâncias de poder é um tipo vulgar que não merece estudo, tão vulgar é a sua estrutura moral, tão grosseiro é o recorte afectivo do seu temperamento.

Não nos pareceu feliz a maneira como Ramada Curto tratou de D. Diogo de Sousa, cuja personalidade de solapado e barbaço se confunde facilmente com qualquer mestre de obras enriquecido depois da guerra.

O fim da peça é o sr. Ramada Curto para explicar à assistência os motivos da sua convocação, surge o cabo da policia, que proíbe a assembleia alegando que não estava autorizado a comício... Se esta conspicua autoridade, conhecesse alguma coisa destes assuntos, via logo que não havia comício, mas tam somente uma reunião para ouvir ler e sancionar uma moção.

Infelizmente, os conhecimentos indispensáveis para bem raciocinar, estão ainda mais caros do que o pão, pois custam pelo menos uma boa dose de bom-senso, e clarividência de espírito.

Com o administrador por sua vez se negue a aceitar a moção, a União resolve realizar um verdadeiro comício, que ao mesmo tempo seria uma demonstração de forças, para o que pede por requerimento a devida autorização. Resolve também editar um manifesto convocatório para esse comício que se devia realizar na alameda do Castelo.

A hora marcada, o povo enche por completo as ruas que dão acesso à alameda, onde a guarda republicana não deixa aliás penetrar ninguém, pelo facto de a autoridade ter proibido o comício.

A instâncias de uma comissão, o administrador consente que o comício se faça em recinto fechado, o que obriga a União a pedir a cedência do quintal da Academia Familiar Almadaense, onde o comício tem enfim lugar, acorrendo ali uma multidão que se pode computar em 4 ou 5 mil pessoas.

O comício encerrou também as suas portas, aumentando assim a importância desta manifestação popular, que teve uma grandeza que há muitos anos aqui não se vê.

Por esta razão, relatámos numa próxima correspondência o que ocorreu depois, — C.

Manuel Rodrigues

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

Recebi carta, agradecendo, família bem, viagem feliz. — Daniel.

NA PRISÃO

POR MAXIMO GORKI

Dois anos mais tarde, collocou-o em casa de um juiz de instrução; e ela própria continuava a coser, a fazer flores, a fazer meias; trabalhava sem descanso. O filho chegou a soldado. Mas, um dia, um official inferior, tendo-se rido de sua mãe que elle adorava, não pôde conter-se e levantou a mão contra o superior, durante o exercício. Para o punir, mandaram-no para a batalha disciplinar, três anos, sem que por isso o sentimento do seu tempo de serviço regularizasse; e sua mãe, já velha, trabalhava sempre e chorava a dolorosa vida de seu filho. Depois de ter suportado durante sete anos a rude existência das casernas, doente e desmoralizado, voltou a casa, para encontrar sua mãe quasi cega e que, não podendo já mais trabalhar, pedia esmola a porta das igrejas...

